

O SÉCULO XIX E O NEOGÓTICO NA ARQUITETURA BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO

Pollyanna D'Avila G. Dias*

Resumo

Este artigo aborda o surgimento do Neogótico na arquitetura, em meio à efervescência revivalista historicista ocorrida na Europa no século XVIII. A partir da Inglaterra, esta linguagem espalhou-se pelo mundo, chegando em países como Portugal e Brasil. No Brasil, o estudo sobre o Neogótico e a arquitetura eclética, tem como marco à chegada da Família Real Portuguesa no país em 1808.

Palavras chave- Neogótico; Ecletismo; Arquitetura brasileira século XIX.

Abstract

This article discusses the emergence of Gothic Revival in architecture, in the midst of effervescence revivalist historicist occurred in Europe in the eighteenth century. From England, this language is spread around the world, arriving in countries like Portugal and Brazil. In Brazil, the study on the Gothic Revival and eclectic architecture has the March arrival of the Portuguese Royal Family in the country in 1808.

Keywords – Gothic Revival; Eclecticism, Architecture Brazilian century.

1. Introdução

A arquitetura gótica iniciada na França da Idade Média exportou-se pelo mundo e permeou-se no tempo. Sendo revisitada na Inglaterra do século XVIII com a denominação de revivalismo gótico ou neogótico.

* Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas (2006). Possui Especialização em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007). Trabalhou em projetos gráficos e multimídias e participou de exposições coletivas. Hoje atua como arte-educadora e artista plástica. srtapolly@yahoo.com.br

É certo que o Gótico não desapareceu por completo desde a Idade Média, surgiu ora ou outra com referência, inclusive na Inglaterra como afirma o estudioso Kenneth Clark.

¹ Da Inglaterra, o Neogótico se expandiu rapidamente e extravasou em outros países na efervescência medievalista iniciada no século XVIII.

O modelo teórico do Neogótico permitia uma *praxis* aberta, onde se podia adequar novos materiais e tecnologia para a evolução das construções. Ao contrário do que muitos imaginam, o Neogótico apesar de ser uma corrente revivalista era acima de tudo composta de profissionais que estavam dispostos a experimentar. Muitos foram os teóricos desta corrente, como por exemplo Pugin (1812-1852) na Inglaterra e Viollet-le-Duc (1814-1879) na França.

No Brasil, o Neogótico surge no século XIX após a chegada da Família Real Portuguesa. Os seus valores como corrente artística foram agregados a outras linguagens surgidas neste século. Ou seja, o Neogótico viveu lado a lado com o Ecletismo. Portanto, para seguir o contexto, devemos adicionar ao estudo do Neogótico, um estudo do Ecletismo.

2. O retorno ao Gótico

Na Europa do século XVIII a referência ao passado estava em evidência, devido a diversos fatores, entre alguns, os ideais românticos, as descobertas arqueológicas de Herculano e Pompéia² e os trabalhos do gravurista e arquiteto Piranesi³. A “romantização do passado” ocorreu em diversas áreas do saber, incluindo a arquitetura.



Figura 1: Gravura de Giovanni Battista Piranesi

O movimento romântico deu-se primazia ao subjetivismo e a *poiesis* buscando abandonar os valores teóricos dos clássicos e neoclássicos, sobrepondo a sensibilidade à razão.

Os românticos admiravam São Francisco de Assis e seus Cânticos ao sol; o uso do estilo gótico nas catedrais com sua mensagem sobrenatural também era a atração para os românticos e outro poderoso fator foi a Virgem “A mulher divina”. (BORNHEIM, *Filosofia do romantismo* apud CARNEIRO, 1998, p. 32)

Gradativamente, detalhes góticos foram inseridos em prédios, jardins e móveis. Na Inglaterra, Nicholas Hawksmoor colocou campanários góticos em Westminster (1723) e James Gibbs uma flecha gótica na fachada de Saint Martin in the Fields⁴.



Figuras 2 e 3: Westminster e Saint Martin in the Fields.

De acordo com Leonardo Benévolo o êxito do movimento neogótico na arquitetura se deu em 1830 junto com o início das reformas sociais e urbanísticas ocorridas na Inglaterra e na França⁵. Nesta época em Paris, o plano Haussmann elaborado pelo Barão Georges Eugène Haussmann (1809-1891) reestruturou toda a cidade, que por consequência da industrialização encontrava muito cheia de pessoas e doenças. Diversas cidades tiveram sua urbanização inspirada pelo plano parisiense, como Bruxelas e Florença na Europa, Cidade do México, São Paulo e Rio de Janeiro na América.

O teórico inglês Augustus Welby Nothmore Pugin (1812-1852) a partir de 1831 publicou diversos volumes sobre o gótico e projetou a *Casa do Parlamento* em Londres. Posteriormente, outro teórico inglês, John Ruskin escreveu *The Seven Lamps of Architecture* (1849) e *The Stones of Venice* (1853) onde defendeu que a arquitetura contemporânea deveria possuir um ideal revivalista.

Pugin (1812-1852) classificou os seguintes princípios para orientação do movimento neogótico⁶:

- 1) A decoração como simples enriquecimento da estrutura essencial;
- 2) A adequação das construções às características dos materiais empregados;
- 3) A correspondência entre interior e exterior;

- 4) A exclusão de qualquer elemento que não seja necessário à comodidade, à estrutura e à conveniência;
- 5) A capacidade de exprimir claramente o fim ao qual cada edifício é destinado.

Na classificação de Pugin percebe-se que a estrutura da construção foi primordial para esses teóricos, sendo a decoração secundária...

Na França, o arquiteto Viollet-le-Duc escreveu um dicionário sobre a arquitetura francesa⁷ e aplicou seus conhecimentos à restauração de construções góticas como Saint Chapelle e Notre Dame de Paris. Com os seus estudos foi referência para diversos outros arquitetos, principalmente quando inseriu o ferro as construções de pedra, precedendo o *Art Nouveau*. “A construção gótica, não é de fato como a construção antiga, monobloco, absoluta nos seus meios; ela é dúctil, livre e questionadora como o espírito moderno”⁸.



Figura 4: Notre Dame, França.

Na França foi fundada em 1842 a *Société catholique pour la fabrication, la vente, la concession de tous les objets consagrés au culte* que foi responsável pela construção de centenas de igrejas neogóticas⁹. O pensamento de le-Duc assim como de Pugin não se fixava apenas na construção e restauração de prédios, mas na evolução, na correção e adaptação das construções arquitetônicas¹⁰.

Desde o início, o Neogótico contou com uma grande carga teórica de profissionais preocupados primordialmente em estudar o sistema estrutural das construções góticas¹¹. Segundo Carlos Fléxa Ribeiro (1950), na grande guerra de 1914, grande surpresa foi causada ao saber que as ogivas de algumas igrejas vieram à baixo depois de bombardeios e as abóbadas permaneciam suspensas. O engenheiro Victor Sabouret assim como Pol Abraham questionaram-se sobre o tramo sustentador das abóbadas. Abraham levando em consideração o estudo de Sabouret¹² concluiu que a abóbada de ogiva é um todo homogêneo, as nervuras são acessórias e que a “função portante da ogiva é frequentemente ilusória”¹³.

O Neogótico chegou em Portugal, que na época era aliada da Inglaterra, em meados de 1772. E segundo Maria Regina Anacleto¹⁴ através do inglês Guilherme Elsdén. A construção do mosteiro de Alcobaça e a do palacete de Monserate I foram inspiradas nessa linguagem. No século XIX, o neomanuelino (que pode ser considerado o “neogótico” de Portugal) surge em resistência ao neogótico estrangeiro.



Figura. 5: Abadia de Alcobaça, Portugal

O neomanuelino veio para o Brasil e tornou-se grande referência para algumas construções, entre elas, o Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro concluído em 1884.

3. O Eclétismo na arquitetura

No século XIX, alguns arquitetos divididos entre ter que escolher o neoclássico ou o neogótico, buscaram outras alternativas como a linguagem renascentista, egípcia, românica, etc. Na arquitetura o Eclétismo é caracterizado pela junção de vários estilos numa mesma obra.

O termo “eclétismo” foi introduzido pelo alemão Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) quando se referia ao sincretismo na produção dos Carraci e seus seguidores no norte da Itália no final do século XVI¹⁵. Inicialmente o termo possuía uma conotação negativa, ligada a uma arquitetura sem personalidade e sem originalidade. No século XX, o termo passou a ser usado para indicar fases ou fenômenos sincréticos.

A arquitetura eclética foi própria de uma classe burguesa que, de acordo com Patetta “dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda

e do gosto”¹⁶. Existia para esta classe uma grande possibilidade de mistura de estilos, foi na arquitetura doméstica que o ecletismo tornou-se mais abrangente.

O principal teórico do ecletismo foi César Daly (1811 - 1893) que tinha a preocupação de não fazer apenas um trabalho de copista ou de juntar os diferentes estilos, mas de procurar sempre novas combinações na História da Arte¹⁷. Já Viollet-le-Duc sustentava opinião contrária aos ideais ecletistas, que para ele, não baseava respeito e função aos materiais.¹⁸

A construção de máximo expoente ecletista é o Teatro Ópera de Paris projetada por Charles Garnier (1825-1898) na época de Napoleão III.

Nas Américas, o ecletismo espalhou-se rapidamente chegando ao Brasil no século XIX.



Figura 6: Teatro Ópera de Paris

4. Arquitetura brasileira no século XIX

A arquitetura brasileira foi bastante influenciada pela chegada da Família Real portuguesa em 1808. A cidade do Rio de Janeiro foi a primeira a sofrer mudanças significantes na estrutura por conta deste episódio. Paulo Fernandes Viana (1808- 1821) que nessa época governava o Rio, fez uma importante “limpeza” na cidade. Modernizou centros urbanos, construiu pontes, abriu estradas, uniformizou a iluminação pública, dando um novo conceito de espaço.¹⁹

Se na Europa o êxito do Neogótico na arquitetura veio junto com o início das reformas sociais e urbanísticas, podemos dizer que no Brasil ocorreu fato parecido em relação aos movimentos do século XIX. O prefeito e engenheiro do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos (que estudou em Paris e muito admirava o plano Haussmann), projetou a construção da Avenida Central, o aumento no número de artérias, a demolição de prédios coloniais e a construção de outros na

linguagem eclética. Em São Paulo, ocorreu a abertura da Avenida Paulista no período de atuação de Ramos de Azevedo (1851-1928) e a construção de prédios com motivos clássicos como o Teatro Municipal. Assim como em Fortaleza, onde a planta da cidade feita por Aldolfo Herbster possuía *boulevards* por toda parte²⁰.



Figuras 7 e 8: Avenida Central/Rio de Janeiro em construção e aquarela da Avenida Paulista em 1891/ Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

De acordo com Patrícia Vasconcellos, até a chegada da Missão Artística Francesa em 1816, os prédios eram projetados por técnicos militares ou por mestre-de-obras portugueses²¹.

Posteriormente foram formados profissionais neoclássicos, pois contava como professor o arquiteto francês Grandjean de Montigny que em muito apreciava as obras de Palladio. Esta nova arquitetura

(...) era marcada pela clareza construtiva e pela simplicidade de formas. O esquema geral das fachadas consistia em uma ordem monumental de pilastras sobre alto entablamento e platibanda e coroada por frontão triangular. As pilastras marcavam as linhas básicas da composição. O frontão triangular, pontudo ou achatado, transformou-se num dos elementos mais característicos desta época. (VASCONCELLOS, 2002, p. 25)

Na decoração destes prédios usavam-se animais fabulosos como dragões, sereias, cavalos-marinhos que tinham sua origem na cultura oriental ou na mitologia greco-romana²². O revestimento das fachadas, de acordo com Morales de los Rios Filho (1941) apresentava as seguintes variantes:

Um das vezes era o comum, isto é, emboço, reboco e caiação; outras vezes os panos das paredes eram cobertos de azulejo colorido do Porto, da Holanda ou da Espanha, e as pilastras, o entablamento e o frontão, rebocados e pintados a óleo. Também havia edifícios em que as pilastras eram de azulejo e os panos das paredes estavam rebocados e pintados a óleo; ou, então, as fachadas estavam inteiramente azulejadas, salvo o embasamento, o entablamento e o frontão. (LOS RIOS FILHO, 1941, p. 262)

Grandjean de Montigny projetou no Brasil diversos prédios como arquiteto oficial, como por exemplo, a Academia Imperial de Belas-Artes e o antigo Mercado da Candelária. E também trabalhou como arquiteto privado, como urbanista e paisagista. Após sua morte em 1850 o neoclássico foi perdendo força até que no governo Rodrigues Alves (1903-1906) a cidade passou por uma grande transformação urbana onde foram construídos diversos prédios no gosto eclético.

A partir de 1904, seiscentos prédios foram demolidos e tantos outros construídos. A cidade contou com construções neoclássicas, neogóticas, detalhes Art Nouveau, resumindo, uma grande miscelânea eclética.

Cidade onde as colunas (clássicas) dos teatros, das academias e dos bancos se misturam às torres (medievais) das residências e dos corpos de bombeiros, às agulhas (neogóticas) das igrejas e dos gabinetes de leitura, às cúpulas (mouriscas) dos pavilhões, aos lanternins (parisienses) dos prédios de esquina, aos estuques coloridos (italianos) das cimalhas, aos mirantes (chineses) dos parques, às estruturas de ferro (inglesas e alemãs) dos mercados e dos armazéns, aos lambrequins dos tetos (suíços) dos chalés. Cidade inesquecível de cafés, bares, cinemas, restaurantes e confeitarias enfeitadas de vitrais coloridos, de azulejos florais, de espelhos e lustres. Cidade coerente e funcionante, à qual a rapidez da execução proporciona, quase como um charme a mais de um certo ar provisório de cenário teatral. (DEL BRENNNA, *Rio Guia para uma história urbana- Rio eclético* apud VASCONCELLOS, 2002, P. 137)

Em Belo Horizonte, o neoclássico chegou somente a partir de 1897. Antes desta data, no Arraial do Curral del Rei (como era chamada antes) as construções tinha feições coloniais. Uma medida muito comum nesta época era à demolição das construções coloniais para dar lugar a prédios novos.

Les critères justificatifs des démolitions des églises du XVIIIe siècle sont basés sur la « réthorique d'horreur » face à l'esclavage (celui-ci est aboli seulement en 1888) et sur le prétexte de leur « simplicité » : (...) les défauts du baroque furent plus graves au Brésil car il fut réalisé par des artistes de deuxième catégorie²³ - (Opinião de Eduardo Frieiro citada em SALGUEIRO, 1987, p. 40).

Foi o que aconteceu com a antiga Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem que estava localizada onde hoje cruzam as ruas Timbiras, Sergipe, dos Aimorés e Alagoas. Francisco Martins Dias assim a descreveu:

(...) o corpo principal e a nave são de pedra, e, pequena parte, de tijollo cru: tem duas sacristias e duas torres, estas ultimas são de madeira, e não estão em proporção com o resto da egreja, (...) o que o faz perder exteriormente sua elegância. Interiormente, porem, onde a vista não encontra aquellas destoações, muito tem-se que admirar: o

todo da architectura, os singelos mas primorosos labores dos altares, o fresco dourado dos mesmos, que, embora antigos, tem ares de novo, o firme e vivo das cores das pinturas do tecto, o ligeiro e feliz sombreado das mesmas. (DIAS, 1897, p. 40)

Na medida em que se demolia a antiga igreja colonial construía-se uma nova neogótica. O projeto foi elaborado pelo arquiteto José de Magalhães em 1894 e a construção se prolongou até 1932.

As demolições de fato não ocorreram somente em Belo Horizonte mas em outras cidades do Brasil, como por exemplo em São Paulo. O neoclássico e o ecletismo encontraram meios de se dispersar por todo país, em cada cidade chegando ao seu modo. Em São Paulo estas linguagens chegaram a partir da prosperidade advinda do café, anteriormente eram quase nulas as novidades arquitetônicas na cidade, que cresceu rapidamente na segunda metade do século XIX.

Na cidade de Recife, além dos holandeses e portugueses que ali passaram, o engenheiro francês Louis Léger Vauthier que ficou entre 1840 e 1846, construiu o teatro de Santa Isabel. No século XX com a construção das avenidas Rio Branco e Marquês de Olinda diversos prédios ecléticos puderam ser erguidos, a maior referência foi o clássico greco-romano²⁴.

Em Belém e em Manaus no início do século XIX o meio de transporte era a grande dificuldade para a troca de informações saídas do eixo Rio-São Paulo, demorava-se mais tempo para chegar a estas cidades do que viajar ao exterior. Somente a partir de 1850, esse “afastamento” foi sendo contornado e o ciclo da borracha ocorrido até a 1ª Guerra Mundial acarretou rápido crescimento econômico na região gerando recursos para a construção de diversos prédios com referências neoclássicas e ecléticas, como o Teatro Amazonas em Manaus e o Teatro da Paz em Belém.



Figuras 9 e 10: Teatro Amazonas e Teatro da Paz

4.1 O caso do Neogótico

O Neogótico foi introduzido no Brasil a partir do século XIX, junto com os outros “neos” que compõe o ecletismo. Surgiu timidamente nas ogivas das janelas de algumas casas²⁵. Sendo também

aplicado em igrejas, tais como os telhados íngremes, pináculos e torre axial única. Dentre as reduções formais do vocabulário da velha arquitetura gótica impostas à construção residencial, apareciam as platibandas ritmadas por merlões e ameias, além de vergas com tímpanos contornados por arcos ogivais ou lobulados, muito difundidos em todo o Brasil. (CASTRO, 1987, p. 213)

De acordo com Patrícia Vasconcellos a primeira construção neogótica do Brasil foi projetada no Rio de Janeiro por John Johnston em 1812-1816 na Quinta da Boa Vista²⁶.

Em 1887, outro prédio foi concluído, o Real Gabinete de Leitura projetado por Raphael de Castro inspirado no Mosteiro dos Jerônimos em Portugal. É um prédio com referência neomanuelina e que certamente foi a primeira obra de estrutura metálica do Rio de Janeiro. O Gabinete de Leitura contava com o acervo de 52.000 exemplares, sendo em 1880 a segunda biblioteca mais importante do Rio de Janeiro, depois da Biblioteca Pública²⁷.

Outra referência neogótica é o prédio da Ilha Fiscal projetado pelo engenheiro Adolfo José Del Vecchio, que de início não tinha a intenção de fazer uma construção neogótica, somente com a visita do imperador ao local é que ficou decidido o estilo. Em um trecho de suas memórias Del Vecchio comenta:

Depois de ter percorrido em todos os sentidos e de ter apreciado o belo panorama que se descortina de todos os seus pontos, o imperador de cabeça descoberta, recebendo o ar fresco que vinha do lado da Barra, parou, e depois de alguns instantes de contemplação, disse-me: Seu De Vecchi- era assim que ele costumava chamar-me, confundindo meu nome com o de outra família que ele tinha conhecido- isto é um delicado estojo digno de uma brilhante jóia. (Citado em DEL BRENN, 1987, p. 45)

Ainda no Rio de Janeiro temos como exemplos da linguagem: a Capela da Piedade de 1862; a Igreja da Imaculada Conceição e a Matriz de Petrópolis.



Revista Ohun, ar



ISSN 1807-595479

Figuras 11 e 12: Real Gabinete de Leitura e prédio da Ilha Fiscal, Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o arquiteto alemão Max Hehl projetou a Igreja da Consolação, a Catedral de São Paulo e a Igreja Paroquial em Santos. As referências ao gótico foram usadas em igrejas, casas, escolas e até em presídios (Victor Dubugras que esteve em São Paulo até 1902 construiu alguns).

O neogótico no estado de Minas Gerais aparece “ora inspirado no modelo francês, ora interpretado de modo italianizante”²⁸ e quando não se constrói um prédio para colocar tais referências, usa-se do antigo para inserir caracteres. Quando ocorre este tipo de intervenção, o prédio deve ser considerado eclético e não somente neogótico.

Em Belo Horizonte temos a Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem (1911-1932), a Igreja Nossa Senhora de Lourdes (1916-1922) e o Centro de Cultura localizado entre Augusto de Lima e Bahia.

A Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem foi denominada por Heliana Angotti Salgueiro (1987) em “estilo gótico lombardo”, porém há divergências em relação a classificação do estilo, outros autores a denominaram em estilo “manuelino” e em estilo “florido”²⁹.



Figuras 13 e 14: Centro de Cultura e Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, Belo Horizonte.

Ainda em Belo Horizonte, em estilo manuelino temos o Museu de Mineralogia (1911-1914) e a maternidade Hilda Brandão em neogótico civil, projetados por Francisco Isidro Monteiro³⁰.

Em Pernambuco, a mais notável referencia neogótica é a capela de Santo Amaro, em forma de cruz grega que é fechada por uma só abobada³¹.

Em Fortaleza, o neogótico ganhou força a partir de 1870, como exemplo do estilo existe a Igreja do Pequeno Grande inaugurada em 1913 com “coberta íngreme, à imitação dos telhados de ardósias, apoiado numa estrutura metálica importada da Bélgica”³².



Figura 15: Igreja do Pequeno Grande, Ceará.

5. Considerações Finais

O Neogótico prenuncia a arquitetura moderna por ser a última linguagem usada antes do Art Nouveau. Após Viollet-le-Duc surgiram nomes como o do arquiteto Antoni Gaudí, onde é clara a influência e admiração ao gótico.

No Brasil, após a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 e da vinda da Missão Artística em 1816 percebe-se na arquitetura brasileira a inserção de valores neoclássicos. Passados alguns anos da morte do grande patrono Grandjean de Montigny e com os abalos sentidos no país da efervescência revivalista ocorrida na Europa, o Brasil absorveu o Ecletismo.

O Neogótico surgiu aos poucos em casas, em prédios e como não poderia ser diferente, em igrejas. Tão grande foi sua disseminação que de norte a sul do país encontramos caracteres neogóticos em construções. Não é de se admirar que exista uma capela com tais referências em Manaus assim como uma igreja em Porto Alegre.

Apesar da grande quantidade de material a ser pesquisado no país, sabemos que os estudos sobre o neogótico ainda são escassos. A estrutura desse artigo seguiu a mesma que encontramos nos livros sobre o assunto, ou seja o Neogótico como mais um expoente da enxurrada eclética do século XIX. Sabemos porém, que apesar de dividir o espaço com outras linguagens numa

mesma construção, o neogótico possui características singularidades que facilmente o distingue das demais, mesmo para olhos pouco treinados.

-
- 1 CLARK, Kenneth, *The gothic revival*, 1928.
- 2 As escavações arqueológicas foram iniciadas em 1709 em Herculano e em 1748 em Pompéia.
- 3 Coleção de gravuras *Le antichità romane* distribuídas em 27 volumes
- 4 RIBEIRO, 1950, p. 57.
- 5 BENÉVOLO, Leonardo. Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial. In: *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- 6 Citado em PATETTA, 1975 apud CARNEIRO, 1998, p. 57.
- 7 *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, 1854/58.
- 8 VIOLETT-LE-DUC, 1993, p. 2.
- 9 PATETTA, 1987. p. 15.
- 10 Ver BENÉVOLO, 1976, p.88.
- 11 A estrutura gótica nos dá maior sensação de leveza se comparadas com a estrutura românica, o olhar é direcionado para o alto, o homem deve elevar-se a Deus.
- 12 SABOURET, 1928 apud RIBEIRO, 1950. p. 58.
- 13 ABRAHAM, 1934 apud VIOLETT-LE-DUC, 1993, p. 43.
- 14 ANACLETO, 1997, p. 104.
- 15 Ver termo "Eclétismo" na enciclopédia de Artes Visuais http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2690
- 16 PATETTA, 1987, p. 13.
- 17 BENÉVOLO, 1976, p. 124.
- 18 IBIDEM, p. 127.
- 19 LOS RIOS FILHO, 1941. p. 47.
- 20 CASTRO, 1987. p. 215.
- 21 VASCONCELLOS, 2002, p. 22.
- 22 DE LOS RIOS FILHO, 1941, p. 261-262.
- 23 Os critérios justificados para as demolições das igrejas do século XVIII são baseadas na "retórica do horror" por causa da escravidão (que só foi abolida em 1888) e sobre o pretexto de sua "simplicidade": (...) as deficiências do barroco foram maiores no Brasil pois foram realizadas por artistas de segunda categoria.
- 24 SILVA, 1987.
- 25 SALGUEIRO, 1987, p. 125.
- 26 VASCONCELLOS, 2002, p. 44.
- 27 ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. *A imigração do neomanuelino para terras brasileiras*. In: *Arquitetura neomedieval portuguesa- 1780- 1924*. Volume 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p..368.
- 28 SALGUEIRO, 1987, p. 125.
- 29 Ver ALMEIDA, 1993, p. 97.
- 30 SALGUERO, 1987, p. 127.
- 31 SILVA, 1987, p. 188.
- 32 CASTRO, 1987, p. 213.

Referências

ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. **Arquitetura neomedieval portuguesa- 1780- 1924**. Volume 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Fé na modernidade e tradição na fé- A Catedral da Boa Viagem e a capital** (dissertação de mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

AUSSEL, A. **Arte neogótica**. In: ABC dos estilos da Arquitetura. 2ª ed. Lisboa: Ed. Presença, 1970.

BARATA, Mário. **A arquitetura brasileira dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio- Rodrigues & Cia, 1954.

BENÉVOLO, Leonardo. **Nascimento e desenvolvimento da cidade industrial**. In: História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

CAMPOS, Paulo Mendes (coord.). **Belo Horizonte- de Curral Del Rei à Pampulha**. Belo Horizonte, 1982.

CARNEIRO, Marília Dalva Magalhães. **Ecletismo, uma ironia romântica: Estudo da arquitetura doméstica em Belo Horizonte- 1897/1940** (dissertação de mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

CASTRO, José Liberal de. **Arquitetura eclética no Ceará**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

CHICÓ, Mário Tavares. **A arte portuguesa do gótico final e o estilo manuelino**. In: Arquitetura gótica em Portugal. 2ª ed. Portugal, Brasil: Livros Horizonte, 1968.

DEL BRENNA, Giovanna Rosso. **Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX)**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura eclética no Pará.** In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

DIAS, Francisco Martins. **Egreja Matriz.** In: Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte. Belo Horizonte: Typ. do Bello Horizonte, 1897.

FABRIS, Ana Tereza. **O ecletismo à luz do modernismo.** In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

LOS RIOS FILHO, Morales de. **Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira.** Rio de Janeiro: Empresa a noite, 1941.

LEMOS, CARLOS. **Ecletismo em São Paulo.** In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

_____. **O Neoclássico e o Ecletismo.** In: A Arquitetura brasileira. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1979.

PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o ecletismo.** In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

RIBEIRO, Carlos Fléxa. **Idéias modernas sobre o gótico- A controvérsia da ogiva.** Rio de Janeiro: Livraria Civilização Brasileira, 1950.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **Reflexos das luzes na terra do sol.** São Paulo: Proeditores Associados, 2000.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **L'influence de l'architecture française du XIXe siècle au Brésil: le cas de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 1986.

_____. **O ecletismo em Minas Gerais : Belo Horizonte 1894-1930.** In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

SILVA, Geraldo Gomes. **Arquitetura eclética em Pernambuco**. In: Arquitetura brasileira, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

VASCONCELLOS, Patrícia. **Interiores- Corredor cultural- Centro Histórico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2002.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. 5ª ed. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

VIOLETT-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauro**. Trad. Odete Dourado. Salvador : Universidade Federal da Bahia, 1993.